

HISTÓRIAS SOBRE ENCONTROS SÍNCRONOS NO ENSINO REMOTO: UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS PANDÊMICOS

Juliane Nunes de Lemos¹
Daniele Simões Borges²

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo compreender as experiências vividas em situações síncronas pelas professoras da Educação Infantil durante o Ensino Remoto Emergencial no primeiro semestre de 2021 visando compreender como foram privilegiadas as interações e as brincadeiras através dos encontros síncronos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de narrativas docentes. A análise aconteceu por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que cria textos coletivizados a partir das falas dos sujeitos da pesquisa. Através DSC foi possível compreender que o Ensino Remoto Emergencial foi um recurso bastante para dar continuidade à educação durante a pandemia, mas ele também veio para reforçar que a Educação Infantil precisa da presencialidade, para que as crianças possam explorar todas as sensações e oportunidades que só o ambiente escolar oferece.

Palavras-chave: Educação Infantil; Ensino remoto emergencial; Narrativas docentes.

Stories of synchronous encounters in remote teaching: a study on childhood education in pandemic times

Abstract: The research work aimed to understand the experiences lived in synchronous situations by preschool teachers during the “Emergency Remote Teaching” in the first half of 2021 in order to understand how interactions and games were privileged through synchronous meetings. It is a qualitative research performed through teaching narratives. The analysis was done through the “Discourse of the Collective Subject” (CSD) which creates collectivized texts from the speeches of the research’s subjects. Through DSC, it was possible to understand that “Emergency Remote Teaching” was sufficient to continue education during the pandemic period, it also came to reinforce that Early Childhood Education needs a face-to-face approach, because in that way children can explore all the feelings and opportunities that only the school environment can offer.

Keywords: Childhood Education; Emergency Remote Teaching; Teaching narratives.

¹ Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: julianenunesdelemos@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7116-5846>

² Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: daniele.uab@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1320-6310>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Pandemia do Covid-19 chegou ao Brasil no início de 2020 e, com isso, foram implementadas uma série de medidas para o enfrentamento desta situação pandêmica, entre elas o isolamento social, impossibilitando a continuação dos encontros presenciais e das atividades escolares. Em um primeiro momento, pensou-se que a Pandemia seria algo breve e passageiro. Acreditava-se que as restrições precisariam ser tomadas apenas durante algumas semanas e que logo os encontros presenciais retornariam normalmente. Mas, logo as autoridades governamentais se deram conta da gravidade da situação, já que os casos de infectados e de pessoas mortas pelo Coronavírus foram se tornando cada vez mais frequentes, impedindo a volta às aulas de maneira presencial. Dessa forma, escolas precisaram criar alternativas para dar prosseguimento às suas atividades, assim, a maneira encontrada foi o ensino remoto emergencial.

O ensino remoto foi autorizado pelo Ministério da Educação - MEC em caráter emergencial para dar continuidade às atividades escolares:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (BRASIL, 2020)

Esta modalidade de ensino foi desenvolvida através de plataformas digitais como por exemplo, o *Google Classroom*, com acesso via *login* e senha o estudante numa sala de aula virtual. Também há exemplos da utilização de aplicativos de transmissão síncrona para encontros, como *Meet*, *Teams*, *Zoom*, entre outras que possibilitam chamadas de vídeo em tempo real com várias pessoas ao mesmo tempo, possibilitando a criação do que convencionalmente estamos nomeando de aulas no ensino remoto emergencial.

A nova situação, causou muitas inquietações aos educadores, principalmente quando se trata da Educação Infantil. Tendo em vista que, quando se trata de crianças pequenas, esta realidade se torna ainda mais complexa, já que a aprendizagem se dá através das interações, da partilha e das brincadeiras.

Dessa forma, percebeu-se a necessidade de entender como as(os) professoras(es) da Educação Infantil vivenciaram o ensino remoto com crianças de 4 e 5 anos. Assim, a presente pesquisa tem como intuito compreender os desafios vividos pelos educadores, desde a organização do trabalho pedagógico e adaptação de materiais até as estratégias utilizadas para dar seguimento às interações e brincadeiras através dos encontros remotos.

Sabe-se que o desenvolvimento das crianças se dá, principalmente, através das interações e das brincadeiras. Ademais, seguindo esta perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI afirmam que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que promovam o conhecimento por meio de experiências sensoriais, expressivas e corporais que favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e formas de expressão (BRASIL, 2010, p. 25). Entretanto, com a substituição temporária dos encontros presenciais pelos remotos, deve-se fazer algumas observações, já que a modalidade remota pode se tornar limitante em relação a este assunto. No ensino remoto emergencial, cada criança esteve em sua casa, dessa forma, todos isolados, não havendo interação física e aproximação. Na falta da experiência corporal, as(os) professoras(es) se viram obrigadas(os) a dar conta de uma nova perspectiva de atuação docente, buscando novas estratégias e adaptações de materiais a fim de aproximar o ensino remoto do ensino presencial. Segundo Pereira Junior e Machado (2021, p. 2),

Com o método de ensino remoto, especialmente no caso da Educação Infantil, os professores precisaram se reinventar. A cada dia precisava-se ter uma ideia diferente para se trabalhar com as crianças pequenas desse segmento de ensino, ainda mais quando os meninos e meninas estão privados há meses do convívio escolar; com isso acabava-se sendo um desafio para os professores e para os familiares e responsáveis das crianças.

Nessa perspectiva, as (os) professoras(es) de Educação Infantil, em nenhum momento antes da Pandemia haviam pensado no ensino remoto para crianças e, desse modo, os educadores desde a formação inicial investiram em conhecimentos e experiências para atuarem na modalidade presencial, sem vislumbrar outra realidade. Assim, quando a(os) professoras(es) se depararam com a necessidade de um ensino remoto, se mostraram bastante desamparadas(os), pois fugia de tudo o que estudaram ou vivenciaram anteriormente, exigindo, assim, uma grande capacidade de adaptação e

reorganização no seu modo de trabalhar. A partir disso, entendeu-se a necessidade de pesquisar mais acerca deste tema, já que é bastante importante compreender como se deu o ensino remoto através do ponto de vista das professoras/es.

A partir destas reflexões, tem-se como objetivo neste artigo compreender as experiências vividas em situações síncronas pelas professoras da Educação Infantil durante o Ensino Remoto Emergencial no primeiro semestre de 2021 com crianças de 4 e 5 anos ao analisar histórias visando compreender na voz das professoras como foram privilegiadas as interações e as brincadeiras através dos encontros síncronos remotos.

E AGORA: QUE SABERES A(O) PROFESSORA(OR) DA EDUCAÇÃO INFANTIL VEM (RE)DESCOBRINDO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL?

As lições que a pandemia (COVID-19) deixou ainda não são totalmente mensuráveis. Tudo ainda acontece na vida de cada um, há aspectos em que mesmo já passado os tempos piores estão recém emergindo, mas já é possível afirmar que as experiências de isolamento social e, na sequência, de distanciamento social abriram olhares para existência de ações até então inimagináveis. Na docência pode-se observar um empenho para o alcance ao outro, ou seja, aos estudantes e seus familiares. As escolas recorreram a estratégias para criar condições de ter encontros mesmo que não presenciais. Portanto, pensar nos saberes que foram mobilizados, que foram identificados, alguns até mesmo já estavam com as(os) professoras(es), mas adormecidos, é algo instigante.

Tornar-se professor exige um processo contínuo de construção de conhecimentos, ou seja, de construção de saberes entrepostos pelas relações socioculturais humanas. Ao longo de sua formação inicial, gradualmente, a(o) futura(o) professora(or) vai construindo sua identidade profissional que sofre variadas influências, pois é através do convívio social, profissional e pessoal que se dão as mudanças individuais, provocando em cada educador uma constante ressignificação do que é ser professor.

Tardif (2004), afirma que os saberes docentes são como “[...] um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”. Dessa forma, é possível perceber que a construção dos saberes docentes

demanda conhecimentos de diversas fontes. Não há como realizar uma prática educativa tendo como base apenas uma única fonte de saber, à docência é plural e interpelada de distintas experiências.

Pensando nisso, pode-se afirmar que com a implementação de um ensino remoto emergencial os educadores se viram na necessidade de adquirir novos saberes para que pudessem dar conta das novas demandas na sua prática pedagógica.

Nesse sentido, é possível inferir que o ato de se reinventar na docência é

a existência de possibilidades para que a formação docente consista numa prática de formação interessada na emancipação do sujeito educador, na emancipação de sua visão de mundo, de sua visão de sociedade, de suas práticas pedagógicas, de sua criatividade nos saberes e fazeres em sala de aula etc. (RODRIGUES, 2018, p. 444).

O ensino remoto emergencial revelou aos educadores “descobertas capazes de reinventar uma prática docente classicamente construída na sala de aula presencial, criando uma nova identidade profissional que atenda às demandas sociais em sintonia com o espírito do nosso tempo” (SILVA; BRITTO, 2013, p. 106) para um novo ambiente educativo, dado através de plataformas digitais e distanciamento físico.

Dessa forma, na Educação Infantil, a(o) professora(or) tem um desafio enorme em desempenhar a prática pedagógica remotamente, pois o distanciamento social não cabe à Educação Infantil. Como promover interações on-line com o mesmo sentido e intensidade que no ensino presencial? Como ficam as brincadeiras e as descobertas de maneira coletiva e autônoma? Onde ficam as inúmeras vivências significativas que acontecem no ambiente escolar? Como se dão as observações e mediações das(os) professoras(es), assim, à distância? Difícil imaginar...

O ensino remoto na Educação Infantil foi algo emergencial, momentâneo. Quando relacionado às práticas pedagógicas com as crianças ele foi apenas como uma maneira temporária de continuar o processo educativo naquele momento pandêmico. Já em relação aos docentes, ele teve a utilidade de aproximá-los mais dos recursos tecnológicos e de diversas ferramentas on-line, ampliando os

conhecimentos dos educadores no que se refere o mundo da tecnologia, o que é bastante importante nos tempos atuais.

METODOLOGIA

A metodologia empregada a esta pesquisa tem como método a abordagem qualitativa, na qual, busca-se compreender os sentidos e significados da experiência docente por meio das narrativas, almejando compreender as percepções, os sentimentos e os pensamentos envolvidos no fenômeno estudado.

A pesquisa teve como sujeitos cinco professoras regentes de turmas de Pré I e de Pré II que atendiam crianças da faixa etária de 4 e 5 anos e atuavam em duas escolas de Educação Infantil da Prefeitura do Município de Pelotas. O critério utilizado para a seleção das professoras foi ser concursada, atuar na Educação Infantil e ter desenvolvido encontros síncronos com as crianças.

Elas foram convidadas a contribuir com a presente pesquisa pessoalmente e através de uma conversa via *WhatsApp*. Nesta conversa inicial foi apresentado o objetivo da pesquisa bem como o detalhamento dos processos metodológicos, análise e divulgação. Após anuência dos participantes da pesquisa foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após assentido seguiu-se para próxima fase da produção dos dados. Cabe destacar que todo contato realizado com os sujeitos da pesquisa foi desenvolvido primando o respeito aos procedimentos e princípios éticos na pesquisa.

Na sequência, cada uma recebeu via e-mail um *link* do *Google Forms*, com um espaço destinado à realização da escrita da narrativa docente que deveria apresentar início meio e fim, relatando uma experiência de um encontro síncrono com as crianças, seguindo, preferencialmente, o roteiro que foi disponibilizado como um suporte no mesmo *link*.

Após a produção e envio das narrativas que contam as histórias de encontros síncronos realizados no ensino remoto emergencial, no primeiro semestre de 2021, foi realizada a análise dos dados a partir dos princípios metodológicos desenvolvidos por Lefevre e Lefevre (2005) sobre o Discurso de Sujeito Coletivo. Sendo assim, a análise de dados foi pautada por meio da utilização do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que tem como intuito criar textos coletivizados a partir das falas e entendimentos de sujeitos que expressam seus pontos de vista, opiniões, reflexões e argumentos sobre um determinado assunto.

A preferência por esta metodologia se dá pelo fato de as professoras convidadas para esta pesquisa faziam parte de um mesmo grupo que possuía experiências, vivências e particularidades bastante semelhantes. Visto que são educadoras que adaptaram suas propostas pedagógicas à “nova” realidade que foi imposta pela pandemia: o ensino remoto emergencial.

Na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo as escritas individuais dos sujeitos, são organizadas em operadores metodológicos: as Expressões-Chaves, as Ideias Centrais, as Ancoragens e, por fim, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

As Expressões-Chaves (ECH) são as transcrições literais das escritas dos sujeitos, dessa forma, é o conteúdo principal, a essência do material de pesquisa. Já as Ideias Centrais (IC), são as descrições do significado ou assunto do depoimento de cada sujeito. Assim, definem-se quais sentidos cada escrita está expressando. As Ideias Centrais podem se repetir ao analisar as ECH, pois como estes sujeitos representam uma coletividade, estes podem possuir ideias equivalentes ou não sobre o determinado tema pesquisado. Neste ato de repetição, pode-se perceber as aproximações na escrita dos sujeitos, ou seja, a Ancoragem (AC). Para Lefevre e Lefevre (2000, p. 17) a AC é “a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ideologia ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para “enquadrar” uma situação específica”.

Exemplo:

Expressões-Chaves	Ideias Centrais
<i>Normalmente, eu iniciava com algo que chamasse a atenção das crianças (histórias com fantoches, brincadeiras de corpo e movimento, música, desafios...) e, a partir daí deixava que as crianças direcionassem os próximos passos.</i>	As brincadeiras e interações nos encontros síncronos
<i>Eu não levava um planejamento fechado, pronto; pelo contrário, deixava que as crianças me mostrassem o que vinha a ser o interesse delas naquele momento. Acredito que isso foi um passo bem importante para tornar os encontros mais dinâmicos e interessantes pois quando as crianças vivenciam o que é de seu interesse, se sentem mais confortáveis para vencer o desafio da distância física.</i>	Os planejamentos
<i>O bacana era deixar que as crianças inventassem brincadeiras neste espaço novo. Elas me surpreenderam com muitas vivências corporais, desafios e jogos "pela telinha".</i>	Percepções sobre os encontros síncronos

Figura 1: Recorte da tabela: Narrativas sobre histórias de encontros síncronos remotos

Ao fim, cria-se o Discurso do Sujeito Coletivo que surge a partir da união das escritas dos sujeitos estudados, sendo escrito na primeira pessoa do singular e formado pelas Expressões-Chaves. Estes discursos, mesmo depois de escritos, admitem ser equivalentes de modo que podem ser somados, pois representam a mesma ideia. Em síntese, foram constituídos 4 Discursos do Sujeito Coletivo, sendo eles: DSC 1: Os encontros síncronos; DSC 2: As brincadeiras e interações nos encontros síncronos; DSC 3: Percepções sobre os encontros síncronos; e DSC 4: Os planejamentos.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Em 2021 com a necessidade do Ensino Remoto Emergencial, os encontros presenciais foram substituídos pelos encontros síncronos realizados, geralmente, através das plataformas *Google Meet* e *Zoom*. Sabe-se que, devido às especificidades da Educação Infantil, esta modalidade de ensino se torna bastante limitante, dado o isolamento social, como é possível perceber no *DSC 1: Os encontros síncronos*.

DSC 1: OS ENCONTROS SÍNCRONOS

Para encontros virtuais criávamos uma sala no Google Meet, com duração de no máximo 1 hora. Os alunos não tinham costume de participar dos encontros on-line, mesmo com inúmeras tentativas e conversas com as

famílias, ao longo do ano letivo tiveram minimamente a participação das crianças, em média tínhamos a participação de 3 e no máximo 4 crianças. Realizei um encontro fora do meu horário de trabalho, às 19h, na tentativa de que as famílias conseguissem participar, aconteceu pelo Google Meet, mas somente duas crianças estiveram presentes no encontro. Em outro encontro que foi um dos primeiros, estavam cinco estudantes. Nesses momentos de aulas síncronas muitos estudantes estavam com irmãos menores que participavam também. Os encontros aconteciam de 15 em 15 dias através da plataforma Zoom. Reunião agendada através do grupo do *Whatsapp* com as famílias. O número de alunos era sempre muito pequeno e sempre os mesmos. A duração dos encontros variava de acordo com o interesse das crianças a partir das vivências propostas. A participação variava bastante, mas das 17 crianças da turma pelo menos 7 participavam em todos os encontros online. Saliento que esse novo modelo o qual fomos acometidos nada faz jus ao estar na escola, por mais que tanto nós professores, famílias e crianças, pudéssemos minimizar a distância física através das telas, nada se compara as vivências compartilhadas no chão da escola. A escola é com e para as crianças, lá conseguimos ouvir, sentir, cheirar, falar, olhar... as telas nos ajudaram para que não ficássemos tão distantes, mas não correspondem em nada ao que vivemos cotidianamente quando estamos juntos, quando descobrimos juntos e quando brincamos juntos. O ensino remoto não atinge todas as crianças, assim como o ensino presencial, é ilusão achar que por estarmos na sala de aula todos estão sendo tocados por aquelas aprendizagens, o ensino remoto evidenciou essa "ferida" aberta em nossa sala de aula. Acredito que para nós professores e, principalmente, para as crianças pequenas, o ensino remoto é muito cansativo, pois exige muito tempo de atenção em uma tela, por isso a necessidade de brincadeiras que deixem eles mais livres interagir. Acredito que do ensino remoto, o que veio para ficar, foram as reuniões online com o grupo de professores e com as famílias.

A partir da leitura do DSC 1, pode-se inferir que as professoras enfrentaram certos desafios na execução dos encontros realizadas através das plataformas digitais, já que a participação das crianças era bastante reduzida e limitada.

Não fica claro, exatamente, por que razão a maioria das crianças não participavam dos encontros síncronos, mas, provavelmente, seja pelo fato de as famílias terem que despendar tempo, organização e alterações na rotina da casa para possibilitar a participação das crianças nos encontros remotos, mas também, em alguns casos, por se tratar de crianças de escola pública que, muitas vezes, não

têm acesso a equipamentos como computadores e celulares com Internet em suas casas, o que impossibilitou o acesso aos encontros síncronos.

Segundo uma pesquisa realizada por Vieira e Falciano (2020),

A busca de interações virtuais depende do acesso a equipamentos digitais por parte dos estudantes e das famílias, a capacidade para uso dessas tecnologias digitais, a conectividade também. Mais de 70% dos respondentes da EI atribuíram a diminuição da participação ao fato de os estudantes não terem acesso à internet e aos demais recursos necessários para conectar. As famílias não conseguem auxiliar os estudantes para a realização das atividades – é o que 19% responderam. (VIEIRA e FALCIANO, 2020, p. 800)

De certa forma, esse afastamento das atividades escolares se torna compreensível, já que se tratou de uma modalidade de ensino que “invadiu” os lares, mudando os hábitos e a rotina das famílias, fazendo com que os pais ou responsáveis tivessem que participar mais ativamente da vida escolar da criança. Além disso, o ensino remoto emergencial também acabou afetando muito a rotina e a maneira de trabalhar dos educadores. No DSC 1 isto fica evidente, visto que um dos encontros foi realizado às 19h, fora do horário de trabalho da professora, para melhor atender às famílias, mas mesmo assim só duas crianças estiveram presentes.

Foi possível perceber que no ensino remoto emergencial, em certos momentos, as aprendizagens não foram significativas durante os encontros, pois as crianças não estavam em um ambiente preparado e pensado para as práticas educativas. Já o ensino presencial permite diversas sensações e experiências, inclusive os espaços da escola são pedagógicos e capazes de promover inúmeras interações e práticas enriquecedoras para as crianças.

Dessa forma, ficou evidente o desabono pelo ensino remoto emergencial no contexto da Educação Infantil, já que ele não oferece as mesmas vivências e experiências que o ambiente e a convivência escolar proporcionam às crianças. O ensino através das telas foi importante para que o distanciamento entre as crianças e as professoras fosse, de certa forma, minimizado, mas não supre as necessidades da Educação Infantil. Constatou-se que essa experiência com o ensino remoto emergencial, provou que o ensino presencial na Educação Infantil é insubstituível. Contudo, ficou evidente que as reuniões on-line são uma boa alternativa apenas para a realização de reuniões pedagógicas ou até mesmo

diálogos com as famílias, desde que isso seja pensado dentro da carga horária de trabalho da(o) professora(or).

A partir do DSC 2: *As brincadeiras e interações nos encontros síncronos* foi possível refletir e compreender as estratégias utilizadas pelas educadoras no intuito de promover uma aprendizagem significativa e encontros atrativos, mesmo remotamente.

DSC 2: AS BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES NOS ENCONTROS SÍNCRONOS

Eu iniciava com algo que chamasse a atenção das crianças (histórias com fantoches, brincadeiras de corpo e movimento, música, desafios...) e, a partir daí deixava que as crianças direcionassem os próximos passos. Havia preparado a contação de uma história e uma brincadeira chamada "Mestre mandou", separei 20 cartões com atividades da brincadeira, pois imaginei que não seriam muitos participantes e a brincadeira não duraria tanto, engano meu, a brincadeira foi um sucesso, mesmo com duas crianças, precisei separar mais 15 cartões da brincadeira e junto com eles inventar outros comandos, além das crianças, as famílias também entraram na brincadeira e seguiram o "mestre", que alternava em cada rodada. Cada um teve sua vez de falar, depois convidei para uma brincadeira das cores. A professora falava uma cor e o estudante tinha que pegar alguma coisa daquela mesma cor dentro de casa. Nesse dia também acabamos brincando com as cores em inglês a pedido e interesse deles. Essa atividade não estava planejada, mas surgiu e foi produtiva. Através de uma brincadeira com os numerais, do 1 ao 10 em uma cartela de ovos, colocados aleatoriamente nos lugares em que colocamos os ovos. Cada criança foi convidada a jogar a bolinha que, além da cartela de ovos, também foi disponibilizada pela escola, e ao arremessar a mesma poderia cair no espaço de um numeral, e assim o participante mencionava o numeral e a professora indicava uma "prenda", como por exemplo, caiu no espaço do numeral 2 e a prenda dar 2 beijinhos no familiar que estivesse junto, 3 dar 3 pulos... e assim cada criança jogava e a prenda era lançada conforme o numeral correspondente. Num dos encontros realizamos a confecção de um avião de papel produzido com rolinho de papel higiênico. Esse intuito fazia parte do trabalho com o lixo reutilizável. As crianças foram despertadas a pensar o que poderíamos produzir com aquele rolo após assistirmos ao vídeo infantil "O pequeno Santos Dumont". Realizamos a brincadeira do tesouro em que a professora solicitava a busca de um objeto em sua casa. Por exemplo um objeto amarelo com a forma circular... Ainda nesse mesmo encontro realizamos a dança do Palavra Cantada "Sai Preguiça", colocando todos para dançar.

Conversamos sobre como estavam realizando as atividades e suas opiniões acerca.

Através da leitura do DSC 2, pode-se perceber a dedicação das educadoras em proporcionar momentos agradáveis e divertidos, trazendo para os encontros histórias e atividades lúdicas que fossem do interesse das crianças, deixando-as à vontade para interagirem e fazerem escolhas em relação às brincadeiras propostas.

Nota-se a criança como protagonista do conhecimento, sendo compreendida como um sujeito ativo que tem suas vontades respeitadas. Pois em cada brincadeira e atividade proposta foram o envolvimento e o interesse das crianças que determinaram como se daria e quanto tempo duraria a realização das atividades, fomentando a participação das crianças nos encontros.

Fica evidente a disposição e o envolvimento das famílias das crianças presentes nos encontros, inclusive alguns familiares participaram das brincadeiras, com o intuito de incentivar as crianças. Desse modo,

[...] o entendimento de que família e escola podem mais se caminharem juntos começa a ganhar força, não mais da boca para fora, mas, sim, a partir de uma experiência vivida. Se essa parceria tem sido possível em ambientes virtuais e num momento tão difícil, imaginamos que, na volta às aulas, será possível aproximar as famílias ainda mais da escola, por meio de propostas lúdicas que envolvam pais e filhos. (JUNQUEIRA, 2020, p.03)

No ensino remoto emergencial a residência das crianças passou a ter um papel educador. Apesar de não ser um ambiente propriamente planejado e preparado para ser pedagógico, como são os ambientes da escola, ele acabou recebendo essa atribuição temporariamente. Pode-se perceber a partir de brincadeiras em que as crianças deveriam encontrar objetos e determinadas cores em suas casas.

O cuidado das professoras com o preparo das atividades, sempre pensando em agradar e promover uma aprendizagem significativa para as crianças, tendo um olhar sensível sobre a situação em que estavam vivendo e também sempre preocupadas com o fato de as crianças terem os materiais necessários para

executar as brincadeiras e atividades, mostra que as professoras fizeram tudo o que estavam ao seu alcance, levando em consideração a realidade do que foi o ensino remoto emergencial.

Mesmo assim, percebe-se que as interações e as brincadeiras seriam demasiadamente melhor aproveitadas se fossem realizadas de maneira presencial, com as crianças juntas e em um ambiente facilitador e possibilitador de aprendizagens, interagindo entre pares e realizando inúmeras descobertas. Pois,

O que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e de nossos recursos. (MALAGUZZI, 2016, p. 76).

Por isso, a partir desse DSC constata-se que é necessário proporcionar às crianças inúmeras vivências e experiências em grupo, pois é brincando e interagindo, explorando ambientes e materiais diversos que eles aprendem, isso no virtual é minimamente alcançado. É preciso garantir o direito das crianças na escola com segurança, essa é uma lição que aprendemos.

Segundo o DCS 2, as aprendizagens, mesmo que pequenas, foram oportunizadas, mas algumas famílias tiveram condições de participar dos encontros e outras não. Isto foi um problema que causou preocupação, visto que muitas crianças ficaram alheias a essa modalidade de ensino, o que mostrou que o ensino remoto emergencial não chegou a todos como deveria.

Todas as vivências nos lares, através dos encontros síncronos, e diálogo com as famílias aproximaram, de maneira mais efetiva, a(o) professora(o) e os familiares das crianças, pois, durante os encontros, se viu a necessidade de estarem trabalhando juntos, em parceria. Algo que precisa ser levado de maneira ainda mais forte com o retorno dos encontros presenciais, pois a criança precisa de incentivo e suporte das duas partes para que se desenvolva de maneira integral.

É conhecido que a pandemia provocou mudanças bruscas no trabalho docente. Os educadores foram submetidos a novas formas de trabalhar. Na Educação Infantil isto fez com que as(os) professoras(es) ficassem bastante inseguros em relação ao novo, mesmo que momentâneo, formato de ensino: o ensino remoto emergencial. Por meio do *DSC 3: Percepções sobre os encontros*

síncronos, pode-se compreender melhor como as professoras lidaram com essa modalidade de ensino.

DSC 3: PERCEPÇÕES SOBRE OS ENCONTROS SÍNCRONOS

Esse momento foi muito importante, estar com eles, mesmo que sem o contato físico, foi de muita importância, pudemos nos conhecer melhor e interagir como ainda não havia acontecido durante o ano. Neste dia percebi que a alegria e o afeto podem transformar uma sala de aula, seja ela do tamanho que for. A experiência ainda que não atingisse a todos, fazia com que no meio de tantas dificuldades e mudanças eu como professora me sentisse feliz e realizada de transformar aquele momento em uma oportunidade de vivências para as crianças. O bacana era deixar que as crianças inventassem brincadeiras neste espaço novo. Elas me surpreenderam com muitas vivências corporais, desafios e jogos "pela telinha". Com certeza foi um dos momentos mais gratificantes, pois nosso encontro durou cerca de 1 hora e passamos o tempo inteiro sorrindo, brincando e interagindo. A experiência foi bastante significativa e os estudantes demonstraram estar gostando, cada vez que tínhamos esses momentos, era possível perceber o sorriso e o encanto das crianças ao se verem, mesmo que virtualmente, e ali também compartilhavam suas vivências cotidianas.

Primeiramente, nota-se o desejo da professora em estar junto das crianças. Mesmo sem o contato físico, foi possível perceber que as professoras se adaptaram e proporcionaram momentos prazerosos, conseguindo transmitir afeto e alegria às crianças. Portanto, mesmo naquele momento, com saudade do ensino presencial houve um desejo muito grande de esquecer a realidade, muitas vezes triste, da pandemia em meados de 2021, assim, nos encontros síncronos, por alguns minutos por meio de brincadeiras e interações através da tela as professoras vislumbraram a vida e a esperança de dias melhores. Da mesma forma,

No contexto remoto, garantir tais práticas para as crianças no aconchego de seus lares com suas famílias, é proteger a infância e a vida brincante, garantido experiências que geram marcas e memórias inesquecíveis, que não cabem numa folha de papel, pois é carregada de vida pulsante e interações, que envolve a educação e formação infantil. (CASTRO, VASCONCELOS e ALVES, 2020, p. 10)

Tendo em vista as crianças como sujeitos de direito, com interesses e vontades, podendo escolher como se dariam as brincadeiras, os encontros tornaram-se uma fuga da realidade, pois mesmo que remotamente, foi possível proporcionar momentos de interação significativa e trocas de vivências cotidianas. A comunicação do toque foi diferente, foi o olhar que acolheu, que recebeu os pequenos e que, mesmo em poucos momentos, se fez presente.

No DSC 3, as professoras avaliaram o ensino remoto emergencial como um acontecimento, como algo necessário para dar seguimento às práticas educativas durante a pandemia, mas concordam que ele não atende às expectativas da docência na Educação Infantil, visto que o encontro físico é primordial, assim como as interações e as brincadeiras estando juntos, presencialmente.

Assim, planejar a prática pedagógica reflete a postura de educador que estuda, pensa e atua em função de uma educação voltada para uma aprendizagem das crianças. A ação de planejar o trabalho na escola inicia a partir de uma necessidade e, dessa forma, precisa responder aos anseios das crianças e da sociedade. Assim, é possível entender que “planejar é fazer um esboço mais amplo sobre a gestão do tempo, sobre a organização dos espaços, sobre a oferta de materiais e sobre os arranjos dos grupos.” (FOCHI, 2015, p. 2)

A partir da leitura do *DSC 4: Os planejamentos*, pode-se perceber como o planejamento, por vezes, pode se tornar desafiador, sobretudo quando se tratava de um encontro remoto para crianças.

DSC 4: OS PLANEJAMENTOS

Os encontros eram planejados pensando sempre na realidade dos estudantes, procurando realizar atividades possíveis, pois os mesmos, não tinham materiais escolares em casa. As atividades geralmente eram voltadas para o projeto que acontecia com a turma. Esses momentos remotos com as crianças eram organizados a partir de assuntos que vinham sendo abordados ao longo dos planejamentos de atividades a serem realizadas em casa. Eu não levava um planejamento fechado, pronto; pelo contrário, deixava que as crianças me mostrassem o que vinha a ser o interesse delas naquele momento. Acredito que isso foi um passo bem importante para tornar os encontros mais dinâmicos e interessantes pois quando as crianças vivenciam o que é de seu interesse, se sentem mais confortáveis para vencer o desafio da distância física. O planejamento é algo importante para o pontapé inicial, começar a aula,

mas é a partir do momento que as crianças entram na brincadeira que a aula de fato começa. Aconteciam várias situações e geralmente conseguia realizar o planejamento, porém o tempo das atividades nem sempre saía como o previsto.

Nota-se, através do DSC 4, que as professoras se preocupavam com a realidade das crianças, buscando criar um planejamento significativo para elas. Entretanto, no ensino remoto emergencial, o ato de planejar se tornou mais limitante e desafiador, pois o fato de as crianças estarem em suas próprias casas, estando distantes da(o) professora(or), muitas vezes, também as impediram de ter acesso a diversos materiais escolares necessários para a realização de determinadas atividades, o que deixou o trabalho da(o) professora(or) mais complexo.

Também foi possível perceber que os planejamentos eram elaborados levando em consideração os assuntos trabalhados através de projetos desenvolvidos com as turmas, fazendo com que a aprendizagem seja, realmente, significativa. Já que, dessa forma, os encontros com as crianças não eram “soltos”, pois todos eram referentes a um assunto já conhecido pelos pequenos.

O fato de os planejamentos não serem fechados e prontos, mostra a maneira como as professoras enxergaram as crianças: como sujeitos protagonistas do seu aprendizado, capazes de mostrar os seus interesses e suas vontades, promovendo uma participação mais ativa das crianças nos encontros síncronos, vencendo, de certa forma as “barreiras” da distância física imposta pela pandemia.

Isso possibilita à(ao) professora(or) escolher as estratégias que melhor se encaixam ao grupo, aumentando as chances de obter sucesso nos encontros. Como é citado no DSC 4, o planejamento é o princípio e a partir da interação e envolvimento das crianças com o assunto ou com a brincadeira, a aprendizagem se torna significativa.

Portanto, o planejamento é feito concomitantemente com as ações e as atividades que vão sendo construídas “durante o caminho”. Um projeto é uma abertura para as possibilidades amplas e com uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, criativos, ativos, inteligentes acompanhados de uma grande flexibilidade de organização. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 42)

Sendo assim, como em qualquer aula, seja presencial ou remota, nem sempre é possível colocar todo o planejamento vislumbrado em ação. É preciso levar em consideração diversas situações que podem acontecer durante a aula e, principalmente, as vontades e os interesses das crianças. Ou seja, se o que a professora planejou não foi recebido pelas crianças da maneira que era esperada, é preciso conduzir as experiências emergentes de maneira agradável e adequada à turma. Por isso, neste DSC fica expresso que nem sempre o planejamento vai ser posto em prática da forma que a(o) professora(or) idealiza, quando em situações síncronas o que mais importa é o interesse das crianças, este era o elemento motriz da ação pelas telas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os resultados obtidos a partir das narrativas docentes e com a formulação dos Discursos do Sujeito Coletivo, foi possível chegar a algumas descobertas e ponderações. Algo que chamou a atenção é o grande afastamento das crianças, visto que das turmas que tinham cerca de 15 crianças, apenas uma média de 2 ou 3 crianças compareceram aos encontros síncronos. Isto foi bastante preocupante, visto que as crianças ausentes foram privadas do convívio escolar, mesmo que no formato de ensino remoto daquele momento. Inclusive, cabe ressaltar que estes encontros ocorriam de maneira bastante escassa, o que tornou o ensino remoto emergencial como um período, de certa forma, ineficiente, principalmente na Educação Infantil.

Outro fator que precisa ser citado é o empenho das professoras que, mesmo diante dos desafios do ensino remoto emergencial, fizeram tudo o que foi possível para proporcionar encontros e tornar suas práticas significantes. Assim, mostrando que apesar das circunstâncias, conseguiram, de certa forma, promover momentos de interações e aprendizagens, sempre respeitando as vontades e anseios das crianças. Contudo, mesmo com todo o esforço e pode-se afirmar que o ensino remoto emergencial não atendeu às necessidades e especificidades da Educação Infantil, pois uma modalidade que não consegue atender a todas as crianças, torna o processo educativo excludente.

Também não pode ser esquecido que a principal linguagem e fonte de descobertas e aquisição de conhecimentos da infância é a brincadeira; e esta deve acontecer em grupos, entre pares com muitas trocas de vivências e experiências. Dessa forma, afirma-se que o ensino remoto emergencial estando cada um em sua casa, diante de uma tela, jamais conseguiu substituir o contato físico, o toque,

o afeto e, sobretudo, a interação concreta que só o ensino presencial pode proporcionar.

Assim, o Ensino Remoto Emergencial deixa uma marca bastante intensa na Educação Infantil: sabe-se que foi um recurso extremamente necessário para dar continuidade à educação em um período em que o distanciamento social se fez necessário, mas também vem para provar que a Educação Infantil não deve acontecer remotamente. É preciso estar presente, explorando todas as sensações e oportunidades que o ambiente escolar oferece.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rafele Rodrigues. Concepções, práticas e formação inicial de professores interdisciplinares em ciências da natureza por meio do Discurso do Sujeito Coletivo. **Revista Ciência & Ideias**, Vol 7, Nº 2, 2016. Disponível em: <<https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/500/406>>. Acesso em: 05. dez. 2021.

BARBOSA, Maria Carmem. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem. Tempo e cotidiano—tempos para viver a infância. **Leitura: teoria & prática**, v. 31, n. 61, 2013.

BARBOSA, Maria Carmem; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna. **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos: uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CASTRO, Mayara Alves, VASCONCELOS, José Gerardo, ALVES, Maria Marly. “Estamos em casa!”: narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia. **Revista do PEMO**, Fortaleza, v. 2 n. 1, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3716/3283>>. Acesso em: 10. jan. 2022.

FOCHI, Paulo Sérgio. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. In.: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira, FARIA, Ana Lucia Goulart (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 221-232. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135352/000987199.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30. set. 2021.

FOCHI, Paulo Sérgio. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Revista Pátio Educação Infantil**, nº 45, outubro de 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Fochi/publication/319653821_Planejar_para_tornar_visivel_a_intencao_educativa/links/59b85011a6fdcc68722cbc3f/Planejar-para-tornar-visivel-a-intencao-educativa.pdf?origin=publication_detail>. Acesso em: 16. dez. 2021.

FOCHI, Paulo Sérgio. Criança, currículo e campos de experiência: notas reflexivas. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, RS, 52 - 72, v. 25, Dossiê, 2020. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/8910/pdf>>. Acesso em 10 dez 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

JUNQUEIRA, Alice. **Da pandemia nasce uma nova relação entre escola e família**. Revista NOVA ESCOLA. 2020, p.03. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19474/da-pandemia-nasce-uma-nova-relacao-entreescola->>. Acesso em: 20. jan. 2022.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social.** Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Pesquisa de Representação Social: Um enfoque quali-quantitativo.** 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira. **O Discurso do Sujeito Coletivo: Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa.** Caxias do Sul; Educs, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MALAGUZZI, Lóris. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Tradução. Dayse Batista. Porto Alegre: Penso, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 12 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

NÓVOA, António. **Vidas de professores.** Porto Alegre: Porto, 1995.

PEREIRA JUNIOR, Lucimar da Silva; MACHADO, Joana Bartolomeu. Educação Infantil em tempos de pandemia: desafios no ensino remoto emergencial ao trabalhar com jogos e brincadeiras. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 6, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/6/educacao-infantil-em-tempos-depandemia-desafios-no-ensino-remoto-emergencial-ao-trabalhar-com-jogos-e-brincadeiras>>. Acesso em: 26. set. 2021.

PINAZZA, Mônica Apezatto; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184 - 199, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19847238194020181>> Acesso em: 20. nov. 2021.

RODRIGUES, Samuel de Oliveira. **A pesquisa científica como método para reinventar as práticas pedagógicas dos professores que atuam na educação superior brasileira.** UEL: Londrina, 2018.



SILVA, M.; BRITO, S. Docência online no ensino superior: saberes docentes e formação continuada. **Educação Foco**. Juiz de Fora, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

VIEIRA, Lívia Maria Fragra, FALCIANO, Bruno Tovar. Docência na educação infantil durante a pandemia: percepções de professoras e professores. **Retratos Da Escola**, 14(30), 788–805, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1224/pdf>>. Acesso em 05. jan. 2022.

Recebido em 26/11/2022

Aprovado em 04/04/2023